

A CHAMA

LEONARD COHEN

A chama

Poemas, letras, desenhos, notas

Tradução

Caetano W. Galindo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2018 by Leonard Cohen
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The Flame: Poems and Selections from Notebooks

Capa

Rafaela Romaya

Ilustração de capa

Leonard Cohen

Foto do autor

© Joel Saget/ AFP

Preparação

Beatriz Antunes

Revisão

Huendel Viana

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cohen, Leonard, 1934-2016

A chama: poemas, letras, desenhos, notas / Leonard Cohen ;
tradução Caetano W. Galindo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2022.

Título original: The Flame: Poems and Selections from Notebooks.

ISBN 978-65-5921-224-8

1. Poesia canadense. I. Título.

22-99993

CDD-C811

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura canadense c811

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras



Sumário

<i>Nota do tradutor</i>	9
<i>Prefácio</i>	11
<i>Nota da edição inglesa</i>	15

A CHAMA

POEMAS	21
LETRAS	117
<i>Alerta azul</i> [2006]	119
<i>Ideias antigas</i> [2012]	133
<i>Problemas populares</i> [2014]	153
<i>Você quer mais escuro</i> [2016]	173
LEONARD E PETER	191
CADERNOS: TRECHOS ESCOLHIDOS	197
DISCURSO NA ENTREGA DO PRÊMIO PRÍNCIPE DAS ASTÚRIAS	321
<i>Textos das imagens</i>	329

THE FLAME

POEMS	343
LYRICS	403
<i>Blue Alert</i> [2006]	405
<i>Old Ideas</i> [2012]	417
<i>Popular Problems</i> [2014]	433
<i>You Want It Darker</i> [2016]	449
LEONARD AND PETER	463

SELECTIONS FROM THE NOTEBOOKS	467
ACCEPTANCE ADDRESS FOR THE PRINCE OF ASTURIAS AWARD	579
<i>Agradecimientos</i>	584

Nota do tradutor

Este *A chama*, à diferença de outras reuniões de letras de canções, apresenta-se ao leitor primeiramente como um livro. Independente. As letras, afinal, são apenas parte de seu conteúdo. Soma-se a isso o fato de que as letras das músicas de Leonard Cohen sempre tiveram relação mais próxima com a página do que, por exemplo, as de Bob Dylan. Sua métrica tende a ser um pouco mais estrita; as rimas são também mais regulares.

Isso tudo gerou, na mesma medida, um projeto de tradução que reflete a preocupação com a forma dos poemas, a tentativa de responder à variabilidade de rimas, quase rimas, metros e desvios métricos. Cohen gostava de flertar com o desobedecimento do padrão, mas até para isso é preciso ao menos insinuar o dito padrão.

Em suma, estes textos foram pensados para serem lidos de maneira autônoma, mas sua discursividade também serviu de guia, e preferi me afastar do rigor formal sempre que necessário para manter a fluência. A ideia é que nada impeça o uso desta tradução como apoio para a escuta das canções, embora ela também se pretenda algo mais “literária”.

Nesta edição, foi respeitada a diagramação do livro original. Portanto, os textos em inglês aparecem no fim do volume, bem como a tradução das legendas dos desenhos.

Caetano W. Galindo

Prefácio

Este livro contém os últimos trabalhos do meu pai como poeta. Quem dera ele tivesse completado o volume — não porque nas mãos dele tivesse sido um livro melhor, mais bem-acabado, mais generoso e mais harmonioso, nem porque teria se assemelhado ainda mais a ele e à forma que ele concebera para essa sua oferta aos leitores, mas porque escrever este livro era o motivo de ele estar se mantendo vivo, era seu único objetivo premente no final. No difícil período em que lidou com esta obra, ele mandava e-mails equivalentes a uma placa de “não perturbe” aos poucos dentre nós que apareciam para uma visita regular. Ele renovou seu rigoroso comprometimento com a meditação de modo a concentrar sua mente, apesar da dor aguda causada por múltiplas fraturas de compressão e do enfraquecimento de seu corpo. Ele me disse mais de uma vez que, com todas as estratégias de arte e de vida que empregou ao longo da vida rica e complicada que levou, desejava ter se mantido mais fiel à percepção de que escrever era o seu único consolo, o seu propósito mais verdadeiro.

Meu pai, acima de qualquer coisa, era um poeta. E considerava essa vocação, como registrou nos cadernos, uma “missão de D-us”. (Como o hífen representa sua reverência à divindade, sua relutância em escrever o nome divino mesmo em inglês é um antigo hábito judaico que fornece mais uma prova da fidelidade que ele misturava com sua liberdade.) “Religião, professores, mulheres, drogas, a estrada, fama, dinheiro... nada me dá um barato e um alívio tão grandes do sofrimento quanto enegrecer as páginas, escrever.” Essa declaração de finalidade era também uma declaração de arrependimento: a dedicação à literatura era como justificava o que ele sentia ter sido uma atuação fraca como pai, os relacionamentos fracassados e a desatenção com as finanças e a própria saúde. Isso me faz lembrar uma de suas canções menos conhecidas (e uma das minhas favoritas: “Fui tão longe atrás da

beleza, deixei tanto para trás”). Mas ao que parece não foi tão longe quanto devia: em sua opinião, ele não tinha deixado para trás tudo o que devia. E este livro, ele sabia, seria sua última oferta.

Quando eu era menino e pedia dinheiro ao meu pai para comprar doces na lojinha da esquina, ele muitas vezes me mandava ir procurar nos bolsos do seu blazer para ver se encontrava notas soltas ou moedas. Eu invariavelmente encontrava um caderno ali. Mais tarde, quando perguntava se ele tinha fósforos ou um isqueiro, eu abria gavetas e encontrava blocos de papel e cadernos. Uma vez perguntei se ele tinha tequila, e fui enviado até a geladeira, onde encontrei um caderno perdido, coberto de gelo. A bem da verdade, conhecer meu pai era (entre muitas outras coisas maravilhosas) conhecer um homem com folhas de papel, cadernos e guardanapos — uma caligrafia elegante em todos eles — espalhados (metodicamente) por toda parte. Provinham dos criados-mudos de hotéis, ou de lojas de quinquilharias; os que tinham douraduras, capas de couro, os que eram chiques ou tinham alguma aura de importância jamais eram usados. Meu pai preferia recipientes humildes. No começo dos anos 1990 ele já tinha armários alugados em depósitos, cheios de caixas com seus cadernos, os quais continham toda uma vida de dedicação àquilo que melhor definia aquele homem. Escrever era sua razão de existir. Era o fogo que ele mantinha aceso, a chama mais significativa que ele alimentava. E que nunca se apagou.

Há muitos temas e palavras que se repetem na obra do meu pai: “congelado”, “partido”, “nu”, “fogo” e “chama”. No verso da capa do primeiro disco estão (como ele depois disse numa canção) as “chamas que seguem Joana D’Arc”. “Quem pelo fogo?”, ele perguntou no verso famoso de uma canção sobre o destino que sardonicamente empregava uma oração judaica. “Acendo uma fina vela verde para te deixar com inveja de mim.” A vela era apenas a primeira de muitas chamas. Há fogueiras e labaredas, para criação e destruição, para calor e luz, para desejo e consumação, em toda a sua obra. Ele acendia as chamas e zelava por elas. Estudava e registrava suas consequências. Era estimulado por seu perigo — vivia dizendo que algumas pessoas não tinham *perigo* suficiente em si, e elogiava a “empolgação de uma ideia que estava em chamas”.

Essa obsessão pelo fogo o acompanhou até o fim. “Você quer mais escuro, nossa chama é sem futuro”, ele entoava em seu último disco, o de despedida. Morreu no dia 7 de novembro de 2016. Agora tudo parece mais escuro, mas a chama não se apagou. Cada página de papel que ele enegreceu é rastro definitivo de uma alma ardente.

Adam Cohen

Fevereiro de 2018

Nota da edição inglesa

“Nos últimos meses da vida de Leonard”, disse Robert Kory, seu empresário, “ele tinha um único objetivo: terminar o livro derradeiro, feito em grande medida de poemas inéditos e trechos dos cadernos.” *A chama* apresenta esse trabalho num formato que seus editores e a casa canadense que o publicava acreditam que reflete as intenções de Leonard, com base nos manuscritos que ele reuniu e nas escolhas estilísticas feitas por ele em livros anteriores.

O título vem de uma sugestão de Adam Cohen, filho de Leonard e produtor de seu último disco, *You Want It Darker*. Ninguém trabalhou de maneira mais próxima com Leonard, em seu último ano de vida, do que Adam, que percebeu que a chama parecia ser uma ideia e uma imagem com que Leonard estava intensamente envolvido em seu último ano de vida. Como título para o livro derradeiro de Leonard, *A chama* parece singularmente adequado, já que o próprio texto mostra que o fogo ardia vivo em Leonard, até o fim.

Leonard deixou instruções claras quanto à organização do livro. Ele pensava numa obra em três partes. A primeira contém 63 poemas selecionados cuidadosamente por ele, a partir de um verdadeiro tesouro de obras inéditas que abarcava décadas. É sabido que Leonard trabalhava seus poemas por anos, às vezes décadas, a fio antes de os publicar. Esses 63 ele considerava obras finalizadas.

A segunda parte contém os poemas que se tornaram letras de canções em seus quatro últimos discos. Todas as letras de Leonard começam como poemas, e podem portanto ser apreciadas como tal, mais do que as da maioria dos compositores. É de notar que Leonard publicou algumas dessas letras-poemas na revista *New Yorker* antes do lançamento dos discos em que apareceram como canções. É o caso de “Steer Your Way” [Siga sua rota], e de “A Street” [Uma rua], “Almost Like the Blues” [Quase um blues] e “Going Home” [Indo pra casa].

Para apresentar as letras do disco *Blue Alert* (2006), de Anjani Thomas, produzido por Leonard, e de *Old Ideas* (2012), *Popular Problems* (2014) e *You Want It Darker* (2016), do próprio Leonard, nos guiamos pela formatação que Leonard usou em seu livro de poemas escolhidos e canções, *Stranger Music* (1993), que continha muitas letras. Leitores cuidadosos vão perceber diferenças entre a forma que esses textos ganham em *A chama* e a que apresentavam nos encartes de letras dos discos.

A terceira parte do livro apresenta uma seleção de trechos dos cadernos de Leonard, que ele alimentava diariamente desde a adolescência até o último dia de sua vida. Robert Faggen, amigo e conselheiro de Leonard, supervisionou a transcrição de mais de 3 mil páginas que cobrem seis décadas, e Leonard autorizou a publicação. Ele colaborou com o professor Faggen na seleção desses trechos para *A chama*, mas Leonard não deixou especificada uma ordem definitiva. Seria difícil — se não impossível — seguir cronologicamente, porque ele trabalhou em muitos desses volumes em anos distintos, com tintas de cores diferentes marcando sucessivas entradas. Além disso, o sistema de numeração empregado por Leonard não restou compreensível para nós. Decidimos, apesar disso, seguir a ordem numérica dos cadernos mesmo que não fosse sempre cronológica. Os fragmentos coletados revelam novas camadas de Leonard enquanto artista. Há entre eles uma grande variedade de estrofes e versos soltos — que Leonard certa vez chamou de “retalhos” —, e leitores que conheçam bem a obra de Leonard verão com frequência entradas que parecem ser esboços de poemas e de letras. Não tentamos formar uma narrativa definitiva que unisse esses cadernos, e os trechos foram reproduzidos aqui como aparecem nos próprios cadernos, sem qualquer tentativa de alterar a pontuação ou as quebras de linhas. Na transcrição, seguimos certas convenções, e os seguintes símbolos são usados para elencar as variantes: {} indica uma palavra ou uma frase escrita acima ou abaixo da linha; [?] indica uma palavra ou uma frase ilegível; [palavra?] indica uma palavra ou uma frase incerta; e *** indica uma quebra entre trechos do caderno.

Além dessas três partes do livro, Leonard queria publicar o discurso que proferiu quando aceitou o prêmio Príncipe das Astúrias, na

Espanha, no dia 21 de outubro de 2011. Como disse certa vez, o título de “poeta” só deveria ser concedido no fim da vida de uma pessoa. Em outro momento, incluímos — por cortesia de Peter Scott, amigo e colega de Leonard — uma das últimas trocas de e-mail de Leonard, uma mensagem escrita menos de 24 horas antes de seu falecimento. Essa conversa mostra com que força brilhava ainda a chama de Leonard, mesmo às vésperas da morte.

Leonard tinha sugerido que alguns de seus autorretratos e desenhos fossem incluídos, um costume que ele tinha inaugurado em *Book of Longing* [Livro do desejo] (2006). Como Leonard não teve oportunidade de fazer essa seleção, escolhemos quase setenta autorretratos entre os mais de 370 que deixou, além de 24 desenhos. Leonard também aceitou que reproduzíssemos algumas páginas dos cadernos para ilustrar o livro; vinte delas foram incluídas aqui, mostrando sua caligrafia única e a apresentação de seus versos na página.

Por fim, algumas notas sobre poemas individuais. “Full Employment” [Emprego pleno] é essencialmente uma versão mais longa do poema “G-d Wants His Song” [D-us quer sua canção]. A similaridade entre “The Lucky Night” [A noite de sorte] e “Drank a Lot” [Bebi bastante] também merece atenção. “Undertow” [Tragado pelo mar] foi lançado como canção no disco *Dear Heather* (2004). “Never Gave Nobody Trouble” [Eu nunca dei trabalho] também foi lançado como canção no disco ao vivo *Can't Forget: A Souvenir of the Grand Tour* (2014). Os poemas “A Street” [Uma rua] e “Thanks for the Dance” [Obrigado pela dança] aparecem em versões ligeiramente alteradas, como letras de canção, na segunda parte do livro. Quem tiver familiaridade com o site Leonard Cohen Files, de Jarkko Arjatsalo, vai reconhecer alguns poemas, autorretratos e desenhos postados lá com a permissão de Leonard.

Alexandra Pleshoyano, ph.D.

Professora associada, Universidade de Sherbrooke

Junho de 2018

A CHAMA

POEMAS

O coração se parte

Eu sempre trabalhei
E nunca disse que era arte
Financiava a depressão
Vendo Jesus e lendo Marx
Minha fogueira fracassou
Mas essa chama ainda é forte
Relate ao jovem messias
Que o coração se parte

Neblina tépida de beijos
Onde eu tentei estacionar
Cruel rivalidade
E elas querem sua parte
Não era nada, eram negócios
Mas fica feia esta marca
Então eu vim rever
Que o coração se parte

Usava uma roupa legal
Vendia santos badulaques
Tinha um gato na cozinha
Uma pantera, no quintal
No presídio do talento
Eu me dava com o guarda
E nunca tive que saber
Que o coração se parte

Devia ter sentido
Eu quase fiz o mapa
Ela foi sempre, desde o início,
Ela foi sempre uma roubada
Éramos um lindo casal
Mas aquilo não foi sorte
É feio, e nada delicado
Que o coração se parta

E o anjo na rabeca
Enquanto o demo toca harpa
As almas, arraia-miúda,
A mente, tubarão, no ataque
Abri cada janela
A casa escura como um forte
Só peça água, e fica simples
E o coração se parte

Eu sempre trabalhei
E nunca disse que era arte
Escravos já lá estavam
Cantores presos, chamuscados
Dobrado o arco da justiça
E logo os feridos em marcha
Fui demitido ao defender
Que o coração se parte

Aprendi com este mendigo
Imundo e machucado
Pelas garras das mulheres
Que deixou de desprezar
Não há lição, não há moral
Nem cotovia para cantar
Só um mendigo que abençoa
Que o coração se parta

Eu sempre trabalhei
E nunca disse que era arte
Erguia peso, mas não muito
Quase saí do sindicato
Sabia usar um rifle
Meu pai tinha um fuzil
Brigamos por coisa importante
Não por poder dissentir

*Minha fogueira fracassou
Mas esta chama ainda é forte
Relate ao jovem messias
Que o coração se parte*

24 de junho de 2016



Verdade

Verdade, Mary, eu te amo
Mais do que posso dizer
Pois se um dia dissesse
Alguém vinha nos prender

Sem ter qualquer motivo
A gente acaba na cadeia
Eles estão de olho, Mary
O mundo nos odeia

Antes que acabe, Mary
Nós temos um minuto
Não há de ser bastante
Ou 50 segundos

Ou 30, meu amor,
É o tempo para amar
Pois se nos pegam rindo
Nós só vamos apanhar

Verdade, Mary, eu te amo
Mais do que posso dizer
Pois se um dia eu dissesse
Alguém vinha nos prender

Sem ter qualquer motivo
A gente acaba na cadeia
Eles estão de olho, Mary
O mundo nos odeia



Bistecas

pensando naquelas bistecas
do Moishe, dia desses

nós todos temos gosto bom
quase todo corpo é comestível
até insetos, mesmo répteis

até o venenoso lutefisk da Noruega
cravado na areia um milhão de anos antes
e o venenoso baiacu japonês
podem ser preparados
para minimizar os riscos
à mesa

se o louco deus não queria que nos comêssemos
por que fazer nossa carne tão doce

ouvi no rádio
um coelho feliz na fazenda
dizendo à médium de animais

não fique triste
é lindo aqui
eles nos tratam bem

não é só a gente
disse o coelho
para consolar

todo mundo acaba comido
como disse o coelho
para a médium de animais

2006

9:21 PM

how the
pearls
are made

the oyster
is not asked

the
painful
peaceful
irritation

the grain of
sand is not
asked

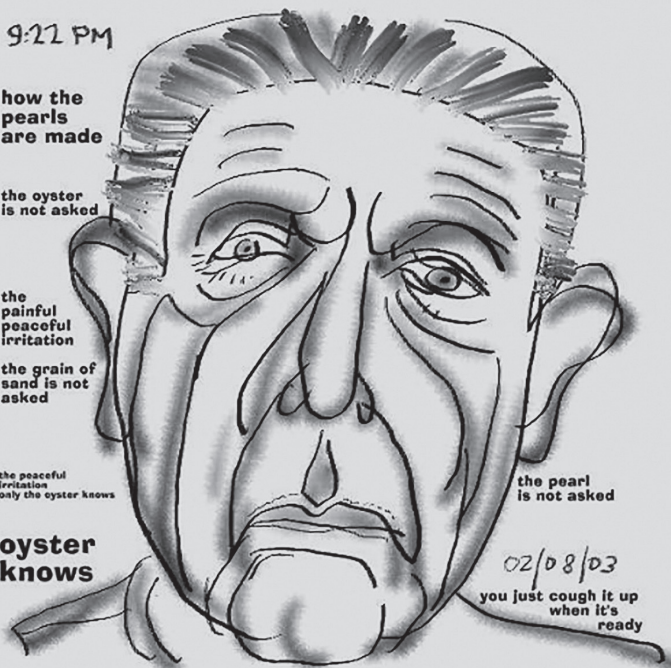
the peaceful
irritation
only the oyster knows

**oyster
knows**

the pearl
is not asked

02/08/03

you just cough it up
when it's
ready



Tarde demais

Não muda mais
Olhar pra trás
Tarde demais
Livro de paz

Não vão ficar
Envergonhados
Da chama aberta
Utilizada

Tarde para cair
Na minha espada
Não tenho espada
É 2005

Como ousou ver
O que me cabe
Livro de paz
Que chega tarde

Que viu errado
A poesia
É coisa deles
Não é minha



Eu não sabia

Eu soube sempre que era fraco
E soube que você era forte
Eu não ousei me ajoelhar
Se este lugar não é meu norte

Se acaso me vi desejando
Tocar com dedos tua harmonia
Que venham chagas, venha sangue,
Que então entenderia

Com seus joelhos separados,
Você revela a solidão
E enfim dos nós é libertado
Meu imaturo coração

E então você, enfraquecida,
Na minha alma se conforma,
Alma pela mente esquecida
Até você lhe dar a forma

E posso amar sua harmonia
Ainda que à distância
Meu mundo neutro ainda não via
Sua imensa confiança

Às vezes fico tão sozinho
Não sei se isso tem remédio
Por uma dose de você
Eu trocaria todo o tédio

Eu não sabia
Eu não sabia
Eu não sabia
Quanto você precisava de mim

